

Quando os Filhos É Que Dizem Não à Dependência Química dos Pais: Análise de um Caso Clínico

Marlei Teresinha Rigo Bonissoni¹

Helena Centeno Hintz²

Resumo

O presente trabalho apresenta uma revisão bibliográfica sobre drogadição, associada a temas sobre parentalidade, vínculos, segredos, inversão de papéis e responsabilidades familiares, e também ilustra, por intermédio de um caso clínico, a preocupação, o sofrimento e o desespero de filhos adolescentes com relação à dependência química de seus pais. Os filhos não precisam necessariamente repetir o modelo parental, uma vez que podem ter outras figuras saudáveis de identificação, como no caso apresentado, onde as avós exercem de forma distinta esse papel, preservando-lhes a integridade física e emocional. Observou-se também, que a família movimenta-se e tenta reestruturar-se no momento em que é denunciada, pelas filhas, a questão da dependência química dos pais. Essa percepção provoca o rompimento da zona de conforto pela quebra da homeostase familiar. Com a libertação dos segredos, os nós familiares vão se desfazendo, e a redistribuição dos papéis passa ser mais adequada, onde os filhos podem ser apenas filhos e os pais são convocados a assumir sua autoridade e responsabilidade diante da família.

Palavras-chave: drogadição dos pais, segredos, filhos parentalizados, confusão de papéis familiares.

When children Say No to Parents Addiction:

Analysis of a Case Study

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta individual e de família. Especializanda em Terapia de Casal no DOMUS – Centro de Terapia de Casal e Família. Membro do Setor de Dependência Química e do Ambulatório da Comunidade Terapêutica D. W. Winnicott.

² Psicóloga, Psicoterapeuta individual, de casal e de família. Membro da equipe de coordenação, docente, supervisora do DOMUS – Centro de Terapia de Casal e Família. Editora da revista Pensando Famílias. Presidente da Associação Gaúcha de Terapia familiar – 2002/2004; 2006/2008. Membro do Conselho Deliberativo e Científico da Associação Brasileira de Terapia de Família – ABRATEF. Editora da Revista da Associação Brasileira de Terapia Familiar – 2008/2012.

Abstract

The present paper introduces a literature review about drug addiction, associated with parenthood, bonds, secrets, role-reversal and family responsibilities themes, and also illustrates a clinical case study, the preoccupation, the suffering and the despair of teenagers children concerning about their parent's drug addiction. Children do not necessarily need to repeat their parental model, since they may have another healthy figures identification, as in the revealed case, where the grandmothers exercises this role in distinct ways, preserving their physical and emotional integrity. It was also observed that the family moves and tries to restructure itself when it is reported, about the daughters, the issue of parental chemical addiction. This perception causes the disruption of the comfort zone by the breaking of family homeostasis. By releasing secrets the family nodes dissolves, and the roles redistribution starts to be more appropriate where children can just be children and parents are invited to take their authority and responsibility to family.

Keywords: *parents drug addiction, secrets, children's parenthood, family roles disarray.*

Introdução

A drogadição, apesar de ser muito estudada, continua sendo um tema instigante, intenso, desafiador e muito atual, tanto para a sociedade como para os profissionais da área da saúde. Hoje, a dependência química é vista e entendida como um problema multifatorial, de grande complexidade, com várias causas e possibilidades, que na maioria das vezes, ultrapassa o plano individual. Assim sendo, torna-se um sintoma disfuncional familiar, mascara conflitos e causa desequilíbrios na família, permeando todas as suas relações.

Este estudo passou a ser viável, quando recebemos a família Pontes³ para atendimento em psicoterapia familiar, na Instituição Domus - Centro de Terapia de Casal e Família. O interesse em buscar auxílio partiu das próprias filhas adolescentes do casal, preocupadas com a drogadição de seus pais, fato este que chama a atenção por não ser uma demanda muito comum no meio clínico.

³ A partir dos termos das Resoluções 196/97 e 251/97 do Conselho Nacional da Saúde, a família consentiu em participar deste estudo de caso conforme o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

A situação apresentada convoca-nos a pensar sobre isto, pois é mais usual recebermos pais preocupados com os filhos adolescentes e sua relação com a droga, e não o contrário. Nesta conjuntura, quem está cuidando é quem deveria estar sendo cuidado, caracterizando uma inversão de papéis.

A partir disto, várias questões surgiram ao entrarmos em contato com a realidade desta família, tais como: por que razões, filhos de pais usuários de drogas permanecem preservados e não desenvolvem a dependência química? O que leva os filhos adolescentes a serem os cuidadores dos pais e se responsabilizarem pela preservação da unidade familiar; o que motiva os filhos a buscarem auxílio neste momento do ciclo vital e o que os faz aderirem ao tratamento? De onde vem o legado dos filhos em cuidar e se cuidar, quando a questão é o uso de drogas dos pais? Como e porque se dá a inversão de papéis na hierarquia familiar?

A busca por respostas a esses questionamentos é que motivou e deu origem a este trabalho, buscando junto à literatura um melhor entendimento sobre essa dinâmica familiar.

Tendo em vista o material disponível sobre esse assunto ser escasso, principalmente no que diz respeito à motivação e sentimentos de filhos em busca de auxílio para a dependência química de seus pais, este estudo torna-se relevante uma vez que busca ampliar o conhecimento da psicologia, viabilizando posturas de prevenção e intervenção sobre relações familiares envolvidas nesta problemática.

Com relação à identificação dos membros da família Pontes, seus nomes são fictícios, a fim de preservar a identidade dos mesmos.

Método

Tendo em vista o conteúdo desta investigação, optamos por utilizar a abordagem qualitativa de pesquisa, a qual nos possibilita uma melhor compreensão deste fenômeno, bem como exige uma visão inter-relacional dos dados coletados e de sua análise.

Com base nos objetivos, classificamos a pesquisa como estudo exploratório, que segundo Thums (2003), aborda uma maior flexibilidade de planejamento, e propõe uma familiaridade maior com o problema da pesquisa.

Com base nos procedimentos técnicos, apresentamos uma pesquisa de estudo de caso clínico, a qual, de acordo com Thums (2003), envolve a análise

de situações específicas de um caso de família, e possibilita entender e conhecer mais intimamente a realidade apresentada.

Participou deste estudo uma família, composta por um casal e duas filhas adolescentes, selecionada em função da demanda apresentada no momento da procura por terapia familiar no Domus - Centro de Terapia de Casal e Família.

Para realizar esta pesquisa, foi utilizado o material clínico oriundo das sessões de terapia de família, no período de março a novembro de 2012, realizadas com supervisão direta no espelho unidirecional (Câmara de Gesell). Os atendimentos foram realizados em co-terapia e com frequência quinzenal, tendo como base teórico-prática a abordagem sistêmica.

Caso clínico: Uma breve história da família Pontes

Em fevereiro de 2012, Filó (19) e Clara (18) foram, juntamente com seu pai Augusto (40), à instituição em busca de terapia familiar, pois as mesmas justificaram que não estavam suportando ver os pais discutindo. Outro motivo era a preocupação com a mãe, que, segundo elas, estava descontrolada e intolerante. Augusto revelou que Ester (38) é bipolar [*sic*], e está tomando medicação há três meses, porém não está apresentando melhoras; ressaltou também que o casal faz uso diário de maconha, e isso incomoda as filhas. Elas concordaram e disseram que não entendem o porquê disso; acrescentaram que sentem vergonha quando os amigos e o namorado de Clara frequentam sua casa e os pais estão usando maconha. Também sentem falta de intimidade e percebem os pais muito distantes, como se houvessem dois grupos: os pais de um lado e elas de outro. Não conseguem sentir a família entrosada, como um núcleo familiar.

Segundo o relato de Augusto e suas filhas, a mãe Ester não queria participar das sessões, porém, após inúmeros convites compareceu à quarta sessão e a partir desta, fez-se presente em todas, de forma bem colaborativa.

Quando Ester conheceu Augusto, ela tinha uma filha de três meses de idade, Filó, a qual foi bem aceita por Augusto e sua família e em quatro meses o casal já estava morando junto. Em seguida Ester engravidou de Clara, e nesse período, Augusto já fazia uso de drogas ilícitas como maconha, cocaína, LSD, e também álcool e tabaco. Ester conta que logo também passou a consumir cocaína, mas o casal usava somente nos fins de semana, especificamente às sextas-feiras e sábados. O casal referiu que preservava as filhas nessas situações, levando-as

para passarem o final de semana na casa das avós, e retornavam no domingo.

Ester revelou que quando as filhas eram pequenas, Augusto intensificou o uso de álcool, e em algumas situações colocou em risco sua vida e de sua família, estando, nesse período, muito afastado dela e das filhas. Ester parou de usar cocaína em meados de 2008, pois a droga estava lhe causando muitos problemas físicos, limitando-se a usar apenas maconha. Nesse mesmo período, Augusto também interrompeu o uso de cocaína e álcool, porém continuou usando maconha e tabaco. Há um ano conseguiu parar de fumar.

Hoje, Ester e Augusto cultivam um ritual, quando todo fim de tarde preparam o chimarrão e sentam-se nos fundos da casa para fazer uso de maconha. Clara e Filó contam que muitas vezes estão junto com os pais, tomando chimarrão e conversando, mas quando eles começam a usar maconha, elas sentem-se desrespeitadas e preteridas e, então, vão para o quarto.

Entendendo a família Pontes de forma sistêmica, sob a ótica da dependência química

A representação objetiva e subjetiva da droga, seu papel e sua forma de uso passaram por muitas transformações durante o desenvolvimento da humanidade, porém, de uma forma ou de outra, sempre se fez presente na vida do indivíduo. De objeto usado em rituais religiosos na antiguidade para um uso abusivo e anestésico hoje, ela é experimentada como busca de prazer imediato, alívio de desconforto físico e/ou psíquico, como também visando aplacar dores da alma.

É importante ressaltar que quando se fala em drogas, não são referidas apenas as substâncias químicas ilícitas (cocaína, maconha, crack, inalantes, etc.), mas também as consideradas lícitas, tais como tabaco, álcool e medicações, encontradas com facilidade e presentes no dia a dia de muitas famílias. Sensações como dor, frustração e sofrimento são inerentes ao ser humano em determinados momentos de sua vida; o que causa inquietude é entender por que para alguns indivíduos é viável conviver de forma adequada com elas, enquanto que para outros é uma tarefa quase impossível. Parece ser diante da dificuldade de suportar a realidade, que a droga encontra o seu espaço e cola na vida do indivíduo, induzindo-o a uma felicidade ilusória, onde segundo Diehl, Cordeiro e Laranjeira (2011), “a atenção dissipa-se, a vontade afrouxa e a lucidez dá lugar a uma inadequação ao ambiente” (p. 68).

Considera-se de fundamental importância o papel da família na formação e

constituição do indivíduo, e apesar da relevância atribuída historicamente a esta, ela só passou a ser fonte de estudos no campo da psicologia recentemente, a partir da década de 50, quando começou a ser vista e entendida de forma abrangente e complexa através das interações e inter-relações pessoais.

Segundo Minuchin (2009, p. 24), é preciso “focar a família como o contexto para compreender a forma pela qual seus membros desenvolvem e modificam sua concepção de si mesmos e dos outros e observar o poder que a família tem para influenciar a experiência e o comportamento de seus membros”.

Dessa forma pode-se entender e compreender a influência que este sistema familiar exerce sobre os seus membros, e entre uns e outros, de maneira sistêmica e circular. Raupp e Menezes (2007), utilizam a definição de família feita por Cerveny (1994), onde “a família é entendida tanto como grupo social, quanto como uma rede de relações que se fundamenta da genealogia, nos elos jurídicos e também na convivência social e intensa” (p. 58). Segundo Minuchin (1982) “a família é um sistema aberto em transformação” (p. 56) e desta forma vai definindo sua estrutura familiar por meio de um agrupamento invisível de exigências funcionais que visa organizar as formas e maneiras de interação de seus membros. “Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e estes padrões reforçam o sistema” (p. 57). Esse padrão transacional familiar apresenta crenças, valores, ritos, hierarquia de poder, expectativas, lealdades e também segredos. Estes, muitas vezes são transgeracionais, ou seja, passados de geração em geração, mesclados com vergonhas e culpas, unindo os membros da família em torno de caos e confusão de modo não declarado e impedindo o crescimento dos indivíduos e da família como um todo.

Para entender melhor o significado do termo transgeracionalidade, usamos a definição dada por Wagner e Falcke (2005), e usada por Raupp e Menezes (2007), “referindo-se à transgeracionalidade como o resgate dos componentes que perpassam a história familiar e se mantêm ao longo das gerações” (p. 59). As autoras referem também Groisman (2000) para assinalar que “o hoje é o ontem com outro cenário, outra roupagem, outros personagens, só que a essência é a mesma” (p. 59).

A herança transgeracional, por intermédio da repetição dos padrões interacionais, não necessariamente torna-se um problema. Isso começa causar preocupação, no momento em que esta repetição impede as mudanças no

sistema familiar, o crescimento deste e de seus membros e, segundo Raupp e Menezes (2007), torna a família disfuncional.

Percebe-se, na história da família Pontes, que a dependência química de Augusto e, conseqüentemente de Ester, continua sendo uma grande preocupação de seus pais, pois quando Augusto era adolescente, eles também buscaram terapia familiar na mesma instituição, inclusive Ester participou de algumas sessões. A drogadição influenciou a formação e o desenvolvimento da família nuclear de Augusto, uma vez que ele e Ester não deram conta da demanda e da responsabilidade de cuidarem sozinhos das filhas, precisando sempre do auxílio das avós. Porém, ao invés de Filó e Clara repetirem o mesmo padrão dos pais, elas transformam essa experiência em conhecimento consciente, implicando diretamente em mudanças significativas na família, segundo Raupp e Menezes (2007). E apesar de Filó e Clara não terem se tornado dependentes químicas, elas não aceitam o comportamento adicto de seus pais e cobram uma mudança de atitude deles frente a isso.

Todas essas relações interpessoais não ocorreriam se não levássemos em consideração a união, o apego e os vínculos. De acordo com Zimerman (2010), a ideia de vínculo baseia-se na indiscutível proposição de que “o ser humano constitui-se sempre a partir de um outro” (p. 21). O mesmo autor traz a definição de vínculo de Bion: “Vínculos são elos de ligação - emocional e relacional - que unem duas ou mais pessoas, ou duas ou mais partes dentro de uma mesma pessoa” (p. 23).

Quanto à teoria do apego, Nichols (2007) refere John Bowlby, que diz que “os casais lidam um com o outro de uma maneira que reflete sua história de apego” (p. 110). Também refere Susan Johnson, que emprega a teoria do apego “para desconstruir a dinâmica familiar em que um parceiro critica e se queixa, enquanto o outro fica defensivo e se afasta”, e que essa teoria sugere que “a crítica e a queixa são um protesto contra a disrupção do laço de apego” (p. 110).

Para Bowlby (1989), “a teoria do apego considera a propensão para estabelecer laços emocionais íntimos com indivíduos especiais como sendo um componente básico da natureza humana” (p. 118), e desenvolve-se primeiramente pela relação mãe-bebê, sendo complementada por interações com o pai, ou por outras figuras parentais substitutas, onde a criança passa a ser influenciada ao longo de seu desenvolvimento pela maneira como é tratada por estes. Na primeira infância os laços estabelecem-se com os pais em busca de “proteção, conforto e suporte” (p. 118). Já durante a adolescência e vida adulta, esses

laços, apesar de persistirem, complementam-se por novos laços, geralmente de natureza heterossexual. Ainda segundo o mesmo autor, “a capacidade para estabelecer laços emocionais íntimos com outros indivíduos, às vezes no papel da figura que busca ser cuidada, é considerada como traço principal do efetivo funcionamento da personalidade e saúde mental” (p. 119).

Identificam-se três modelos de apego, de acordo com Bowlby (1989), juntamente com as condições familiares que os promoveram: apego seguro, resistente e ansioso e ansioso com evitação. Por apego seguro, entende-se aquele “onde o indivíduo está confiante de que seus pais (ou figuras paternas) estarão disponíveis oferecendo resposta e ajuda, caso ele se depare com alguma situação adversa ou amedrontadora” (p. 121). Já o apego resistente e ansioso, é quando o “indivíduo se mostra incerto quanto à disponibilidade, à possibilidade de receber resposta ou mesmo ajuda por parte de seus pais, caso necessite” (p. 121). No terceiro modelo, do apego ansioso com evitação, “o indivíduo não tem nenhuma confiança de que quando procurar cuidado terá resposta e ajuda, mas ao contrário, espera ser rejeitado” (p. 122).

Assim, percebe-se que o apego que une o casal Augusto e Ester é o apego resistente e ansioso, uma vez que Ester reclama muito e Augusto fica sempre emburrado e na defensiva; comportamento que utiliza também com as filhas quando estas o criticam. Pensando em vínculos, percebe-se que a dependência, reforçada pela co-dependência, também está presente na vida desse casal. Ester relata que quando conheceu Augusto, Filó tinha três meses de idade e ambas moravam com sua mãe; Augusto era dependente químico, e, ambas as famílias aceitaram imediatamente a união “precipitada” [sic] dos dois, pois em quatro meses estavam morando juntos e logo Ester engravidou.

Com relação a Filó e Clara, nota-se que desenvolveram um modelo de apego seguro a partir do relacionamento com suas avós. Porém, hoje, elas cobram de seus pais essa resposta e ajuda, e não a encontram. Nesse momento instala-se um conflito, pois os pais não conseguem corresponder às expectativas das filhas, e estas então, acabam sempre recorrendo às avós. Fica claro nesta história familiar que o principal vínculo de apego de Filó e Clara deu-se com as avós, com as quais conseguem estabelecer intimidade e um fluxo livre de conversação. Já Augusto e Ester demonstram apego resistente e ansioso, mostram intimidade mesclada com hostilidade, insegurança e medo, e procuram na droga, o reconforto desses sentimentos.

Segundo Guerreschi, “a dependência não tem uma ou mais causas,

mas é construída em uma circularidade de necessidades e significados que restringem o campo das escolhas possíveis a uma única opção: a que se verifica no contato com o sujeito” (2007, p. 17). Nesse sentido, pode-se entender que para Ester, Augusto representava naquele momento a possibilidade de ter uma família e um pai para sua filha. Em contrapartida, para Augusto, Ester significava a possibilidade de uma vida diferente, talvez sem a presença das drogas, o que não aconteceu, pois em seguida Ester também começou a fazer uso de cocaína. A partir deste momento o que passou a unir o casal foi o uso ritualístico e compartilhado de droga, o qual se mantém até hoje. Andolfi diz que “a escolha do parceiro representa um momento crucial na vida de cada pessoa, porquanto nesta escolha convergem como componentes: o ‘mandato’ familiar e as expectativas individuais” (1989, p. 84).

Como o casal tinha as filhas pequenas, não podiam fazer uso diário de cocaína, então reservavam as sextas-feiras e sábados para isso. Ester diz que para preservar as filhas, as deixava na casa das avós (tanto materna quanto paterna) e lá permaneciam durante todo o final de semana. As avós, por sua vez, eram conhecedoras da dependência química dos filhos e acabavam assumindo uma responsabilidade que não era delas: cuidar de Filó e Clara. Importante ressaltar que as irmãs sempre ficavam juntas, o que colaborou para que as mesmas construíssem um bom vínculo afetivo, formando um subsistema fraterno unido e seguro, no qual ambas se apoiam muito.

O assunto da dependência química de Augusto e Ester não era abertamente discutido pelas famílias, então, este passou a ser um segredo entre os adultos. Porém, tanto Clara como Filó relatam que gostavam muito de ficar na casa das avós, onde se sentiam protegidas e cuidadas; referem ter mais intimidade e abertura com elas do que com seus pais, mas também não entendiam por que os pais ficavam tão ausentes. Percebe-se no relato dessas adolescentes que existe, em algum lugar, um *vazio*, e que elas buscam entender, de forma ávida, esse abismo que existe entre elas e seus pais. De acordo com Imber-Black (1994), cada cultura e todas as famílias possuem seus próprios segredos. Porém, esses segredos bloqueiam a comunicação e a informação entre as pessoas uma vez que impedem o conhecimento da verdade, rompem os vínculos e comprometem a intimidade, acarretando muitas distorções, confusões, dificuldades e tensões no ambiente familiar.

Nas famílias adictas a negação é utilizada como mantenedora dos segredos, podendo iniciar como uma simples mentira e chegar à criação de uma distorção

interna da realidade. Conforme essas mentiras e esses segredos tornam-se profundos, ocorre o mesmo com a distorção do afeto, culminando com a ausência de qualquer comunicação direta sobre os sentimentos - o silêncio. Ainda segundo Imber-Black (1994) “a mentira cria segredos, o silêncio mantém segredos e a guarda de segredos alimenta a negação” (p. 148). Complementa ainda a autora que “é neste meio misterioso que o sistema familiar adicto paralisa-se, ocorrendo então, uma incapacidade para compartilhar ou fazer uso do segredo que todos conhecem” (p. 148).

Pode-se entender que a dinâmica de funcionamento da família adicta desenvolve-se em bases pouco sólidas, exige controle e perfeccionismo, onde cada ser adquire um senso muito frágil de *self*, com ansiedades e sentimentos de vergonha e culpa. Tudo isso leva a um fracasso em desenvolver relações íntimas legítimas, produzindo mais segredos e impondo limitações interpessoais aos seus membros.

A partir desse entendimento, procura-se esclarecer o sentimento trazido por Clara e Filó quando relatam que percebem e sentem os pais muito distantes, como se houvessem dois grupos: os pais de um lado e elas de outro, com um abismo no meio [*sic*]. Não conseguem sentir a família entrosada, como um núcleo familiar. Relatam ser “impossível conversar com eles, pois tudo sempre termina em discussão” [*sic*]. Nesses momentos elas acabam recorrendo às avós, uma vez que se sentem acolhidas e entendidas nas suas necessidades.

Pressupõe-se a partir daí, que as avós, cientes das dificuldades de seus filhos, assumiram, de fato, a responsabilidade de cuidar de Clara e Filó, com o objetivo de mantê-las o mais longe possível de seus pais, principalmente nos finais de semanas, que é quando eles faziam uso de drogas. Stanton (1988) reforça o exposto acima quando diz que geralmente os drogaditos apresentam-se como pessoas dependentes e com dificuldade de adaptação, e por isso acabam caindo ou recaído. Demonstram uma necessidade demasiada de proteção, e não conseguem, por esta razão, serem funcionais e sentirem-se preparados para assumir responsabilidades. As avós ‘abraçaram’ igualmente, o cuidado e educação de Filó e Clara durante a semana, quando os pais estavam trabalhando. Segundo Ester, em algumas situações, as filhas ficavam a semana toda na casa das avós, pois ela chegava tarde, ou estava frio e na manhã seguinte já tinha que as levar de volta.

Dias (1999) fala sobre a importância do convívio dos avós na família, podendo ser uma influência positiva ou negativa. Quanto à negativa, pode envolver “mimos

e ‘estragos’ que dispensam aos netos, a interferência ou críticas à criação dada pelos filhos, bem como transmissão transgeracional de problemas (violência, uso de drogas, conflitos)” (p. 91). Com relação à influência positiva, a autora apresenta algumas das quais destacamos que “os avós podem ser utilizados como uma espécie de defesa contra sentimentos dirigidos aos pais; eles diminuem a ansiedade infantil; funcionam como confidentes e companheiros; fortalecem a autoestima e independência dos netos, uma vez que não têm que provar mais nada e não sentem a necessidade de retê-los junto a si e moderam a influência negativa que os pais possam ter sobre os filhos” (p. 91).

Reforçando a influência transgeracional, Williamson (1982, In Andolfi, 1989) refere que “a possibilidade de reequilibrar as dinâmicas intergeracionais é a condição sem a qual não há maturidade psicológica, autonomia e autoridade pessoal. A geração adulta pode apoiar os pais adultos sem assumir a responsabilidade emotiva ou encarregar-se de seu bem-estar, sua felicidade e sua sobrevivência” (p. 88).

Nota-se nesse cuidado das avós, uma genuína preocupação em afastar Filó e Clara do convívio direto com o uso de drogas, no sentido de preservá-las emocionalmente, e, em contrapartida, um esforço imenso em manter as relações familiares, na tentativa da família continuar unida. Segundo Stanton (1999, In Gigliotti, 2007), o medo da separação é muito presente na família adicta, tanto nesta quanto no indivíduo.

O que chama a atenção nesta história familiar é a quebra do segredo e da negação que ocorre na terceira geração, ou seja, no momento que Filó e Clara crescem e passam a perceber a gravidade da situação de seus pais, elas rompem o silêncio e trazem a problemática da dependência química à tona, questionando-os e mostrando o quanto isso as incomoda e compromete as relações familiares.

Nunes et al. (1999, In Pratta & Santos, 2009) ressaltam que o risco da dependência, tanto do tabaco quanto do álcool, passa a ser maior quando os indivíduos apresentam na sua história familiar a presença destas substâncias, principalmente pelo uso dos pais.

Os dados obtidos no estudo realizado por Pratta e Santos “revelam que o uso de substâncias psicoativas por pessoas próximas aos adolescentes, como por exemplo, pais e amigos, podem funcionar como um estímulo para o uso destas pelos mesmos, uma vez que pais e amigos funcionam como modelos de identificação para os adolescentes” (2009, p. 40).

Já Kalina (1987), ressalta que, geralmente jovens que consomem drogas são influenciados pela dependência química de seus pais, apresentando uma predisposição adquirida em casa. Entretanto, muitos desses jovens conseguem ficar isentos dessa indução e mostram-se maduros prematuramente, com senso de responsabilidade e hábeis para cuidar de seus progenitores.

Bowlby reforça esta ideia quando diz “que modelos representacionais inadequados, mas persistentes, coexistem frequentemente com outros mais apropriados” (1979, p. 134).

Pode-se entender que para Filó e Clara poderem deflagrar esse drama familiar, elas foram preservadas desse comportamento doentio; nesse ponto considera-se de fundamental importância o suporte dado pelas avós, oferecendo a elas um ambiente tranquilo e uma base emocional e afetiva adequada, possibilitando um processo de identificação saudável. Neste caso, Pratta & Santos (2009), destacam a importância do papel dos pais, os quais representam um modelo no processo de desenvolvimento dos filhos. Porém nesta família, esse modelo de identificação deu-se por meio das avós.

Barros (1987, In Dias, 1999), refere “que a relação dos avós com seus netos é essencial para o desenvolvimento da subjetividade desses netos que não têm os pais como única referência” (p. 92). Comenta também Barros (1987, In Dias, 1999), que os avós acabam lembrando suas próprias experiências com relação à criação de seus filhos, e que “é através dessas diferenças entre seu passado, como pais, e seu presente, como avós, que se pode traçar um perfil da relação entre eles e os seus netos, resgatando, através destes últimos, aquela vida que não foi possível ser vivida, numa reflexão de suas vidas passadas” (p. 92).

Dessa forma podemos entender que, o que essas avós fizeram de forma brilhante pelas netas, foi um resgate do que não conseguiram fazer pelos seus filhos. Filó e Clara, por sua vez, entram na história familiar para resgatar o funcionamento de relações mais funcionais dessa família, na tentativa de modificar e/ou flexibilizar seus padrões relacionais, alterar as regras que influenciam o seu funcionamento e que dão o “ritmo” do relacionamento de seus integrantes. Gigliotti refere que “o comportamento de qualquer membro da família afeta e é afetado por todos os outros” e que “uma mudança vivida por um membro da família trará mudança para todo o sistema” (2007, p. 218).

Buscando compreender a atitude de repúdio ao comportamento adicto dos pais por Filó e Clara, faz-se necessário um resgate histórico, pois precisamos

considerar que a geração dos pais de hoje foi a dos adolescentes do final dos anos 70 e início dos 80. Neste período histórico do Brasil, houve a queda da ditadura, a retomada da democracia, e um afrouxamento das regras de comportamento e, conseqüentemente, de conduta dos jovens de então. Esse processo levou muitos desses jovens a novos experimentos, dentre eles o uso de drogas; e muitos destes, tornaram-se pais, dependentes químicos, e hoje são cobrados pelos seus filhos que não concordam com esse modo de vida.

Reforçando o exposto acima, Outeiral (2008) refere um texto da Folha de São Paulo, caderno Folhateen, de 19 de julho de 2004, que diz: “Filhos estimulam os pais a largar o vício. Numa inversão de papéis, adolescentes pressionam pais a buscar ajuda para deixar de fumar maconha. No laboratório da Universidade Federal de São Paulo, muitos dos pacientes têm mais de 40 anos” (p. 3). Na capa do caderno Folhateen está escrito: “Apagando o vício. Cobrança dos filhos leva pais a buscar ajuda para deixar de fumar maconha”.

Isso fica claro com relação à dinâmica apresentada pela família Pontes, pois, percebe-se uma falta de responsabilidade dos pais com relação às suas filhas, havendo uma inversão de papéis, no qual Filó e Clara passam a ser suas cuidadoras, desempenhando o papel de filhas parentalizadas.

Rios Gonzáles fala sobre confusão de papéis na estrutura familiar, e que “há muitos filhos e filhas que têm que se fazer de figuras substitutivas dos pais. São ‘vice-pais’ ou ‘vice-mães’ quando não têm nem a maturidade emocional, nem a fortaleza física que exige tal tarefa. Esses ‘filhos parentalizados’ ou ‘genetoriais’ são outra causa que conduz ao adoecer das famílias” (2006, p. 59).

Nesse momento, torna-se necessário aprofundarmos um pouco mais o significado de filhas parentalizadas, a fim de entendermos a dinâmica familiar que a envolve. Levy explica que “na parentalização o que ocorre é que os filhos, por uma dívida de gratidão impagável, seriam obrigados (consciente ou inconscientemente) a tentar saldá-la, oferecendo sua própria vida em sacrifício” (2006, p. 78).

Ainda sobre o mesmo assunto, Aun (2007) descreve *parentalização* como sendo “um processo no qual um dos membros da família participa do acerto de contas familiares, colocando-se e sendo colocado em posição parental, implicando situações de sacrifício, ou de exploração, ou de vítima, ou de salvador, etc., mantendo a unidade familiar” (p. 379). Ainda segundo Aun (2007), a questão da parentalização deve ser vista como um “processo natural do desenvolvimento familiar e, ao mesmo tempo - os autores diriam dialeticamente - é também o

principal processo de patogenicidade relacional ou sistêmica” (p. 379).

Por meio do relato familiar fica evidente que Clara, apesar de ser a mais nova, era quem mais assumia esse papel e era considerada pelos outros membros da família como a mais “responsável, ‘certinha’ e organizada” [sic], talvez pelo fato de ser a única filha do casal, uma vez que Filó é filha só de Ester. Porém, Clara relata não querer mais essa responsabilidade para ela, e que esse papel é dos pais; dessa forma, apoiada por Filó, consegue interromper o processo patológico, chamando os pais à responsabilidade e forçando-os a assumir a posição de adultos nessa interação familiar.

A partir desse momento, parece que Filó e Clara assumem para si o acerto de contas das gerações passadas, rompem o legado familiar por não compactuarem com o uso de drogas pelos pais, demonstram descontentamento, desaprovação e desestabilizam desta forma, a homeostase familiar.

Situação atual da família Pontes

Com o passar das sessões, o casal começou a questionar-se quanto ao casamento, uma vez que Ester dizia não mais reconhecer Augusto e que seu modo bronco de se relacionar estava incomodando-a [sic]. Augusto por sua vez, se defendia, dizia que sempre agiu assim, ficava visivelmente emburrado, baixava a cabeça e não queria mais falar. Essa situação perdurou algumas sessões até o momento que Ester revelou não querer mais continuar com o casamento e fala em separação. Nesse momento Augusto fica muito fragilizado, magoado, chora e parece não entender e não aceitar a ideia de separação.

Levando em consideração o exposto acima, realizamos algumas sessões apenas com o casal para que pudessem falar sobre o relacionamento, as quais foram bastante densas. Ester revelou que há bastante tempo vem pensando sobre isto, mas que não conseguia falar com Augusto, pois acabavam sempre discutindo. Na sessão, Ester falou que seu casamento deu-se a três: ela, Augusto e as drogas; que muitas situações ocorridas no passado em função do uso de drogas ainda a incomodavam, que se sentia muito mal por ter usado droga por tanto tempo, existindo a sensação de ter se destruído, a preocupação com o exemplo passado para as filhas, como também a cobrança das mesmas hoje. Augusto fica muito angustiado em ouvir isso e quando fala, o faz de maneira agressiva, eleva o tom de voz e parece não concordar com os argumentos dados por Ester. Durante este processo, Ester traz, nas duas últimas sessões, que

não está mais usando maconha há aproximadamente um mês e sente-se muito bem: - “agora tenho a sensação de ser ‘eu’ novamente, estou enxergando as situações de forma diferente, talvez com mais clareza” [sic], e cobra de Augusto uma posição frente a isso. Augusto diz querer parar e que vai fazer isso quando terminar o estoque de maconha que tem em casa. Após alguns impasses quanto à separação, ambos resolveram buscar também ajuda individual. Ester diz que vai voltar a frequentar os grupos de NA (Narcóticos Anônimos) e Augusto solicita uma avaliação psiquiátrica e terapia individual. Nesse momento resolvemos, juntamente com o casal, voltar o foco para terapia de família, contando já na próxima sessão com a presença de Filó e Clara.

Após todas essas idas e vindas do casal, observa-se o quanto estão indecisos e inseguros com relação à separação. Percebe-se que quem uniu esse casal foi a droga, e quando esta perde sua força, parece não conseguir mais cumprir seu papel e o casal diz não se reconhecer mais. De acordo com Stanton (1988), o casamento que se deu em função da droga, ou na presença desta, tem maior probabilidade de se dissolver a partir do momento que um, ou ambos, resolve parar com o uso da substância. Nesse momento, as situações e atitudes que antes aconteciam de forma ‘natural’ (grifo nosso), agora trazem desconforto e intolerância. Com a retirada da droga desse triângulo, fica um vazio, um espaço no qual o casal não conhece e por isso não sabe como agir. É como, se agora, cada um olhasse para o outro e visse refletida apenas a sua individualidade, perdendo a identidade como casal. Identidade esta, que parecia estar emaranhada com a droga. No momento em que uma é retirada, a outra automaticamente desaparece.

Stanton (1988) coloca que prestar atenção à qualidade e à estrutura de funcionamento das famílias que tem membro dependente químico é muito importante, porém não podemos deixar de levar em consideração a etapa do ciclo vital em que esta família se encontra.

Corroborando com esse pensamento, Carter e McGoldrick referem que “embora o processo familiar não seja, de modo algum, linear, ele existe na dimensão linear do tempo” (1995, p. 11). Nesse sentido, as autoras colocam ser muito difícil avaliar o tamanho do impacto em termos de modelador de vida que uma geração exerce sobre as outras. Isso se dá, pois têm de três a quatro gerações interagindo simultaneamente, porém em ciclos de vida diferentes. Enquanto uma geração está avançando em termos de idade, a outra está experimentando a sensação de ninho vazio, a próxima situada como adulto-

jovem, envolvida com carreira e com a constituição da sua própria família, e a quarta sendo introduzida no sistema.

Com relação à família Pontes, percebe-se uma dificuldade de independência de Augusto com sua família de origem, permanecendo ligado a ela emocionalmente, mantendo alguns comportamentos infantilizados, e muitas vezes transferindo essa dependência emocional para Ester. Stanton (1988) explica esse comportamento quando diz que a maioria dos dependentes químicos mantém fortes laços emocionais com sua família, embora apresentem arroubos de independência.

Ao avançar o ciclo de vida para o casamento, Ester e Augusto já iniciam essa fase numa tríade, onde Filó, filha de Ester está inserida. Em seguida nasce Clara, e o casal, além de tudo isso, está sempre acompanhado pelas drogas. Pode-se pensar que esse casal não teve tempo, nem espaço para se constituir enquanto casal e desenvolver suficiente intimidade, a fim de construir uma base emocionalmente sólida. Percebe-se, ainda segundo Carter e McGoldrick (1995), que esse casal não conseguiu avançar uma geração, no sentido de tornarem-se cuidadores da nova geração, ou seja, de suas filhas, precisando contar com o auxílio das avós para isso, desde o início da constituição da família nuclear. No momento que essas filhas tornam-se adolescentes, parece instalar-se a principal crise familiar, pois as estruturas frágeis que se mantiveram firmes até agora estão ameaçadas a ruir, ocasionando um mal estar geral em todos os membros da família, culminando com a possibilidade do casal encontrar-se na “crise do meio da vida” (p. 20). De acordo com as autoras referidas acima, esse processo pode estar interferindo no relacionamento conjugal, por um ou ambos os cônjuges, no sentido de avaliar satisfações e insatisfações, tornando-se necessárias algumas renegociações com relação ao casamento, podendo resultar, inclusive, em divórcio.

Neste momento, tendo em vista que a família segue em terapia, não é possível finalizarmos o entendimento do caso, pois muitas situações ainda poderão ocorrer no sentido de resolução desta conflitiva familiar.

Considerações finais

Pela lente desta vivência clínica, observa-se como a dependência química afeta e causa sofrimento para os indivíduos e conseqüentemente para suas famílias. Geralmente famílias adictas mostram-se instáveis, desestruturadas e

fragilizadas, e em função disso todas as relações interpessoais ficam corroídas, principalmente dos que convivem diretamente com ela, como cônjuges, filhos, pais e avós. Nas famílias onde os pais são dependentes químicos, percebe-se um ambiente caótico, uma vez que os filhos ficam à mercê da droga, ou no mínimo, em segundo plano. Possivelmente esses filhos não terão suporte emocional para conviver afastados da droga, e terão poucas oportunidades para estabelecerem identificações parentais saudáveis, passando a entender, implicitamente, a mensagem de que a droga pode trazer benefícios, e acabam reproduzindo o modelo dos pais.

Porém, há situações em que os filhos conseguem diferenciar-se do comportamento dos pais dependentes químicos, mantendo-se íntegros e preservados. Nesse processo, encontram-se algumas variáveis com significados diferentes que determinam a forma e a reação dos mesmos diante desta impactante realidade.

Com relação à família Pontes, percebe-se que o papel exercido pelas avós pode ser considerado uma variável de fundamental importância, uma vez que possibilitou que as netas fizessem um processo de identificação saudável, não sofrendo um impacto negativo dessa situação. Aliás, permitiu que elas rompessem o círculo da dependência, colocando em xeque a homeostase familiar, resgatando seus papéis de filhas adolescentes e cobrando dos pais uma postura adulta e de responsabilidade frente à família.

Em contrapartida, e não menos importante, consideramos como outra variável, o desenvolvimento de um comportamento resiliente por Filó e Clara. Walsh (2003, In Landau, 2004) define resiliência “como a capacidade de reagir à adversidade, ficar mais forte e com mais recursos. É um processo ativo de resistência, autorrecuperação, e crescimento em resposta à crise e ao desafio . . . a habilidade para suportar e reagir aos desafios da vida” (p. 36).

O referido acima auxilia no entendimento do comportamento e das atitudes de Filó e Clara nessa família, uma vez que, ao invés de sucumbirem ao uso de drogas, elas criam uma capacidade de equilíbrio “onde os aspectos positivos de suas experiências tomam o lugar correto e parecem integrados com os que foram negativos” (Bowlby, 1989, p. 130), aceitando, desta forma, as próprias experiências.

Tendo em vista a relevância desse tema, não há a pretensão de esgotá-lo neste trabalho, mas sim demonstrar a importância e a necessidade de se ter mais conhecimento sobre a dependência química de pais e o impacto que isso

provoca no universo familiar, principalmente quando os filhos não concordam com esse modo de vida. É preciso entender esse novo caminhar inter-relacional e inter-geracional, que apesar de não muito comum, não retira a droga do papel principal do drama familiar, permanecendo um problema multifatorial, complexo, que envolve o indivíduo, a família e a sociedade como um todo.

Referências

- Andolfi, M., & Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aun, J. G; Vasconcellos, M. J. E. & Coelho, S. V. (2007). *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa.
- Bowlby, J. (1979). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Diehl, A.; Cordeiro, D. C; Laranjeira, R., & col. (2011). *Dependência química: Prevenção, tratamento e políticas públicas*. Porto Alegre: Artmed.
- Dias, C. M. S. B. (1999). Aspectos teóricos e de pesquisa na relação avós-netos. *Pensando Famílias*, vol. 1(1), 89-98.
- Gigliotti, A., & Guimarães, A. (2007). *Dependência, compulsão e impulsividade*. Rio de Janeiro: Editora Rubio.
- Guerreschi, C. (2007). *New addictions: As novas dependências*. São Paulo: Paulus.
- González, J. A. R. (2006). Famílias que fazem adoecer. *Pensando Famílias*, 10(2), 55-71.
- Imber-Black, E. (col.) (1994). *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kalina, E. (1987). *Viver sem drogas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editoras.
- Levy, L. (2006). Crianças parentalizadas – crianças co-responsáveis? Desconstruindo dogmas e relativizando conceitos. *Pensando Famílias*, 10(1), 75-88.
- Minuchin, S. (1982). *Família: Funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., Nichols, M. P. & Lee, Wai-Yung (2009). *Famílias e casais: Do sintoma ao sistema*. Porto Alegre: Artmed.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.

- Outeiral, J. O. (2008). *Adulterar: A dor e o prazer de tornar-se adulto*. Porto Alegre: Revinter.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2009). Uso de drogas na família e avaliação do relacionamento com os pais segundo adolescentes do ensino médio. *Revista Psico, PUCRS*, 40(1), 32-41, jan./mar. Retirado em 01/02/2013, do SciELO (Scientific Eletronic Library Online) no World Wide Web: <http://www.scielo.br/prc>
- Raupp, C. S., & Menezes, C. C. (2007). Trageracionalidade: Quando crescer não é permitido. *Pensando Famílias*, 11(2), 57-70.
- Stanton, M. D., Todd, T. & cols. (1988). *Un modelo conceptual. Terapia familiar del abuso y adiccion a las drogas (25-42)*. Buenos Aires: Gedisa.
- Thums, J. (2003). *Acesso à realidade: Técnicas de pesquisa e construção do conhecimento*. Canoas: Ed. ULBRA.
- Zimerman, D. E. (2010). *Os quatro vínculos: Amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed.

Endereço para correspondência

marleitr1@gmail.com
hchintz@terra.com.br

Enviado em 19/01/2013
1ª revisão em 30/09/2013
Aceito em 28/10/2013